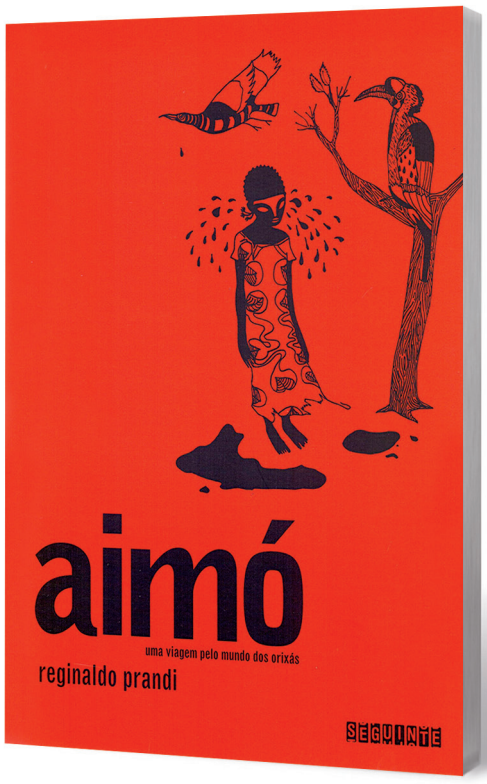
livros



Entre a África e o Brasil: esquecimento e memória

Luiz Jácomo

***Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás*, de Reginaldo Prandi, São Paulo, Seguinte, 2017, 200 pp.**

Parte da produção intelectual de Reginaldo Prandi, sociólogo da religião e Professor Emérito da Universidade de São Paulo, é dedicada ao registro e organização de lendas e contos que compõem a mitologia afro-brasileira e indígena. Seu livro *Mitologia dos orixás* (Companhia das Letras, 2001), para ficar em apenas um exemplo, é obra fundamental e incontornável para quem quer que estude ou se dedique ao tema das religiões afro-brasileiras, tanto pelo esforço de pesquisa que dedicou para reunir os mais de 300 mitos como pela forma poética e cuidadosa com que transcreve cada um deles. Com *Aimó: uma viagem pelo mundo dos orixás*, Prandi conecta esse aspecto de sua produção a outra faceta, precisamente a de escritor de romances e ficção. Neste romance mitológico *Aimó* somos convidados a acompanhar os mitos mais importantes dos orixás, divindades cultuadas pelos povos iorubás da África, em meio às peripécias da menina Aimó, personagem ficcional.

A história fala de uma pequena garota perdida no Orum, o mundo espiritual, que vagueava sem saber quem era, como e onde vivera, quem eram seus familiares ou mesmo seu nome. Não se lembrava de nada no Aiê, na Terra, nem era lembrada por ninguém dali. Nem sabia mais falar sua língua. Ao ouvir alguém se referindo a ela como "*aimó omobinrin*" – que significa menina esquecida, na língua iorubá –, passa a se apresentar como Aimó. Sem saber quem era e sem que ninguém se lembrasse dela no Aiê, Aimó não podia renascer, voltar para sua família. Tamanha era sua tristeza que suas lágrimas acabaram por inundar o Orum e acordar Olorum, o deus primordial que criou os orixás para que estes criassem e governassem o mundo em seu nome.

LUIZ JÁCOMO é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP e membro do grupo de pesquisa Diversidade Religiosa na Sociedade Secularizada do CNPq.

Temendo que as lágrimas de Aimó voltassem a incomodar seu sono eterno, Olorum reuniu os orixás em seu palácio e determinou que Aimó escolhesse uma das aiabás, orixás femininos, como sua mãe, para que ela ganhasse uma ancestralidade e tivesse a chance de retornar ao Aiê. Mas Aimó não se lembrava de nenhuma das aiabás e não podia optar por uma delas. Decidiu-se que ela deveria acompanhar as aiabás em suas aventuras, numa viagem guiada por Ifá, o orixá do oráculo, e por Exu, o orixá mensageiro. Assim, depois de conviver um pouco com cada uma delas, testemunhando suas histórias e observando seus trejeitos, suas qualidades e defeitos, seus encantos, escolheria para ser sua mãe aquela com quem mais se identificasse.

É dessa forma que Prandi costura ficção e mitologia. No Orum, tempo e espaço são categorias irrelevantes, de modo que os mitos e as lendas que vão se sucedendo na jornada de Aimó podem ser revividos e vivenciados por ela a partir de uma posição privilegiada de observação, quando não participando ativamente da história. Em cada um deles vão se delineando o poder e a força dos orixás, que regem tudo aquilo que existe no mundo natural, ao mesmo tempo em que são evidenciadas suas vaidades, impulsividades e mesmo as animosidades e desejos que os orixás nutrem entre si, cujas consequências das disputas e conquistas muitas vezes acabam por atingir os habitantes do Aiê. Os vendavais e as ventanias, por exemplo, são explicados nos mitos e observados por Aimó como o resultado do triângulo amoroso formado por Ogum, senhor do ferro e da forja, Oxaguiã, deus da cultura material, e Iansã, deusa dos raios e das tempestades.

A todo momento, surge na história a importância da prática divinatória e oracular, a cargo de Ifá. É por meio do jogo de búzios que as histórias são reveladas aos consulentes e interpretadas à luz dos conhecimentos do babalaô, sacerdote de Ifá responsável pela leitura dos odus, conjuntos de mitos indicados no jogo oracular pela posição dos búzios quando lançados. A cada lançamento, vão se costurando as explicações e se conectando os mitos, de modo que aquilo que acontece no presente de uma pessoa está profundamente ligado com um fato passado, vivenciado ou relacionado com o orixá que rege sua vida. Em uma das passagens, a própria Aimó fica em dúvida ao presenciar o acidente que incendiou a cidade de Oió. Segundo o mito, Xangô, o rei da cidade, foi considerado o responsável e condenado a cometer suicídio, sendo mais tarde elevado à condição de orixá. Mas Aimó, que tudo acompanhou, passa a se perguntar se não teria sido ela mesma que, por descuido, ocasionara a tragédia. Na página de abertura de cada capítulo, aliás, o texto é precedido por um grafismo que simboliza o odu que antecipa, em alguma medida, os desdobramentos que estão por acontecer.

Conforme se desenrola a trajetória de Aimó, somos apresentados aos acontecimentos que determinaram sua triste realidade: sua condição de escrava, sua morte precoce, o esquecimento e o abandono. Ficamos sabendo que a menina havia sido capturada por mercadores de escravos e levada ao Brasil para trabalhar como dama de companhia, até o seu falecimento repentino. Arrancada de sua terra natal, e com sua família dizimada pelos horrores do tráfico negreiro, entendemos os motivos da solidão de Aimó, ao mesmo tempo em que assistimos aos orixás

reagirem a essa nova realidade, acolhendo os cativos dessa nova terra, que buscavam reconstruir sua cultura, sua religião e suas tradições, como seus filhos, seus protegidos*. Nesse sentido, fica evidenciado, juntamente ao papel de mitologista e romancista, o de sociólogo da religião a Reginaldo Prandi.

No decorrer da história, as palavras e expressões da língua iorubá usadas no livro passam a soar familiares ao ouvido, e a intimidade com as características e trejeitos dos orixás apresentados permite que se antecipe em alguma medida seus gestos, ações e pensamentos, conectando o leitor com a personalidade das divindades. Para facilitar, o livro conta, em um anexo, com um glossário dos termos e expressões iorubanas, além da apresentação de cada um dos orixás que aparecem na história. O autor também explica a lógica do jogo de búzios e fornece um catálogo com o significado de cada um dos 16 odus que podem ser lidos no jogo.

Aimó, o livro, apresenta-se como uma obra de grande valor literário, além de fornecer aspectos importantes relacionados à história do período escravista brasileiro. Traz, ainda, questões relacionadas à sociologia das religiões afro-brasileiras, podendo ser usado como um rico material didático ou de apoio para se abordar seus ritos, tradições e complexidade ritual nas escolas, por exemplo. Não por acaso, o livro recebeu o Prêmio Cátedra 10 Unesco da PUC-Rio no momento seguinte ao seu lançamento, em 2017. Ao narrar as histórias tal como faz em *Aimó*, Prandi proporciona aos leitores uma agradável experiência de identificação e aproximação com as características e personagens dessa cultura que é tão rica e complexa, ao mesmo tempo em que ainda permanece cercada de mistérios e preconceitos para muitas pessoas. Escrito, evidentemente, para distrair, o livro vai além, valendo-se de personagens adoráveis. Impossível não gostar de Aimó, Exu e Ifá. Nas palavras do próprio autor, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* (8/7/2017), "se você gosta dos elementos de uma cultura, passa a ter menos preconceito. [*Aimó*] é um livro militante contra o preconceito religioso, que também é preconceito racial".

---

* A respeito das recriações religiosas da África no Brasil, ver: Reginaldo Prandi, "Recriações religiosas da África no Brasil", in Fábio Baggio; Paolo Parise; Wagner Lopes Sanchez (orgs.), *Diásporas africanas e processos socior-religiosos*, São Paulo, Paulus, 2017, pp. 67-93.